

Cadernos Culturais-5

FONTES PARA A HISTÓRIA DO BARROSO

I

Memoria, que contém, huma breve descripção do Concelho de Mont'Alegre, ou Barroso (*), sua população, causas, que a diminuem, caracter de seus habitantes, produções do Paiz, quanto podem augmentar-se, seu Comercio, gados, e manufacturas. Escripta por Manoel Antonio de Moraes Mendonça, Bacharel Formado em Leis na Universidade de Coimbra. Janeiro de 1813.

RECOLHA E APRESENTAÇÃO
DE
JORGE FERNANDES ALVES



202) IÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE
1985

CADERNOS CULTURAIS — 5

FONTES PARA A HISTÓRIA DO BARROSO — I

Recolha de Jorge Fernandes Alves

Órgão do

NÚCLEO CULTURAL MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Propriedade da

CÂMARA MUNICIPAL DE MONTALEGRE

Tiragem deste número: 2 000 exemplares

Impresso por: Ofic. Gráf. da Livraria Cruz — BRAGA

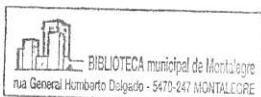
FONTES PARA A HISTÓRIA DO BARROSO

I

Memoria, que contém, huma breve descripção do Concelho de Mont'Alegre, ou Barroso (*), sua população, causas, que a diminuem, character de seus habitantes, produções do Paiz, quanto podem augmentar-se, seu Commercio, gados, e manufacturas. Escripta por Manoel Antonio de Moraes Mendonça, Bacharel Formado em Leis na Universidade de Coimbra.

Janeiro de 1813.

RECOLHA E APRESENTAÇÃO
DE
JORGE FERNANDES ALVES



APRESENTAÇÃO

O *Jornal de Coimbra* (1) publica no seu III volume uma breve mas interessante *memória* monográfica sobre o Barroso, datada de Janeiro de 1813, da autoria de Manuel António de Morais Mendonça, Bacharel formado em Leis na Universidade de Coimbra.

Para além da descrição topográfica, a *memória* é importante pelas descrições e considerações sobre população e economia, o que a torna fonte de consulta indispensável a quem se debruçar sobre a história da região.

Uma leitura superficial mostra-nos que a *memória* se insere na corrente iluminista da época, num espírito de repensar o País que a Academia das Ciências se esforçou por criar, ao promover a publicação das Memórias Económicas.

Apesar de nesta reedição se conservar a ortografia da época, o estilo claro e fluente do autor, extremamente acessível, tornaria qualquer explicação prévia redundante, por desnecessária. Não deixaremos, porém, de chamar a atenção para o excelente painel sobre a população, a fazer lembrar o célebre texto de D. Luís da Cunha no seu Testamento Político sobre as «sangrias» que afectavam a Nação.

(1) Periódico, de carácter enciclopédico, publicado em Lisboa na 2.^a década do século passado. Segundo o «prospecto» de apresentação inserido no I volume «fazem objecto do J. de C. Observações, Memórias, Extractos, Notícias, etc., sobre todas as partes essenciaes, ou accessorias da Arte de curar — sobre Educação, assim Física, como Moral — Agricultura — Economia Publica e doméstica. — E haverá hum Extracto das notícias políticas, e militares, que se publicarem nos Periódicos de Portugal em cada mez».

Mas quem é este autor tão preocupado em encontrar soluções para levar o progresso à região do Barroso?

Não é pelas letras que ele se afirma, já que os dicionários bibliográficos tradicionalmente consultados não o referem; também João Gonçalves da Costa não o inclui entre os barroões ilustres na sua apreciada monografia «Montalegre e Terras de Barroso», apesar de o citar na bibliografia com o texto que agora se apresenta.

A formação jurídica de Manuel António de Morais Mendonça é-nos indicada na própria *memória*, desempenhando funções afins em Montalegre, lá residindo, conforme nos informam alguns assentos de registo paroquial: o óbito de 6/9/1805 de José, seu filho e de sua mulher Gertrudes Francisca da Conceição; o nascimento em 25/3/1822 de Francisco Bento, seu neto, filho de João Crisóstomo de Morais Mendonça.

Terá tido uma intervenção activa na vida local, já que por duas vezes o vamos encontrar na Mesa da Misericórdia, na companhia, entre outros, do Dr. José dos Santos Dias (2), eleitos em Setembro de 1817 e reeleitos para 2.º mandato no mesmo mês de 1819, conforme livro das actas da Mesa da Misericórdia.

Teria sido extremamente precioso para a identificação do autor a consulta do arquivo municipal, destruído nos fundos da época pelo incêndio dos Paços do Concelho em 1923.

Sobre o pensamento do autor, deixemos, porém, o texto falar: para apreciação do grande público, em geral, e dos barroões, em particular, ele aí está, cerca de 170 anos depois da sua primeira publicação.

Jorge Fernandes Alves

(2) Médico do Partido da Câmara, autor de vários estudos, correspondente da Instituição Vacínica da Academia Real das Ciências em Montalegre (aí introduzindo a vacina contra o mal da época — as Bexigas — a partir de 1810), colaborador assíduo do Jornal de Coimbra, sendo os seus artigos fonte imprescindível para a história local. Liberal e cartista, foi administrador do Concelho por várias vezes, tendo recusado a candidatura a deputado. Sobre a sua obra nos debruçaremos proximamente.

Memoria, que contêm, huma breve descripção do Concelho de Mont'Alegre, ou Barroso (*), sua população, causas, que a diminuem, character de seus habitantes, producções do Paiz, quanto podem augmentar-se, seu Commercio, gados, e manufacturas. Escripta por Manoel Antonio de Moraes Mendonça, Bacharel Formado em Leis na Universidade de Coimbra.

Janeiro de 1813.

*Hoc opus, hoc studium parvi properemus et ampli,
Si patrias volumus, si nobis vivere cari*

Horat., Epist. II. Liv. I.

A R T I G O I.

Breve descripção do Concelho, e seu clima.

§. I. O Concelho de Mont'Alegre, ou Barroso está situado na Provincia de Traz-os-Montes a 41 gr., e $\frac{2}{3}$ de latitude, e a 10 de longitude; confina com o Reino de Galliza pelo lado do Norte, pelo Nascente com o Concelho da Villa de Chaves, e pelo Sul, e Poente com o Concelho da Villa de Ruivaes na Provincia d'Entre Douro e Minho. Tem por Capital a Villa de Mont'Alegre, onde antigamente havia huma bem construida Fortificação, hoje bastante arruinada, e indefensável (†). Tem Juiz

(*) O Concelho de Mont'Alegre tambem he conhecido por Terra de Barroso, e quando pelo decurso d'esta Memoria se falla no Concelho de Mont'Alegre, ou Barroso, se deve entender o mesmo. Já no tempo dos SS. RR. D. Diniz, D. Affonso IV., e D. Manoel, que derão Foraes á Villa de Mont'Alegre, o Concelho era denominado, Terra de Barroso.

(†) Não ha memoria da edificação d'esta Fortaleza, nem a posso descobrir, ella parece ter sido reformada no Reinado do Senhor D. Affonso IV., como se vê de huma inscripção, que se lê em

de Fôra com jurisdição Cível e Crime, Juiz de Orfãos, e da Alfandega; pertence á Comarca de Bragança, Provedoria de Guimaraes, e Arcebispado de Braga.

§. II. Tem na sua maior largura seis legoas e meia, principiando no meio da Serra denominada Pindo, onde finda o Concelho de Chaves, até á Ponte da Mizarella, e lugar da Villa Nova de Cidros, onde parte com o Concelho de Ruivaes na direcção de Nascente a Poente. Tem no seu maior comprimento sete legoas, com pouca differença, principiando no alto da Serra de Toninha, que divide o Concelho do de Cabeceiras de Basto, até os Confins da Raya de Galiza na direcção de N. a S. He atravessado pelas altas montanhas de S. Domingos de Morgade, e pela das Alturas, superiores a todas as outras, que formando successivos escalões, vão descendo pelo lado do occidente até o Concelho de Ruivaes, e Faldas da notavel serraia do Gerez, e pelo lado Oriental até os ferteis campos de Chaves, e toda a Margem do Rio Tâmega, até o Concelho de Ribeira de Pena.

§. III. Por entre estas Montanhas se encontram agradaveis Campos, e grandes prados, atravessados por abundantes regatos, origem de varios Rios. O mais notavel he o Cávado, tem este a sua origem nas faldas da Serra de Larouco, situada a N. E. da Villa de Mont'Alegre na distancia de huma legoa, que divide o Concelho do Reino de Galiza por aquelle ponto, sua corrente se engrossa por pequenos riachos, que nascem nos montes, e vales superiores, e lateraes ao mesmo rio, e correndo na direcção de N. E. a S. O., passa proximo a Villa de Mont'Alegre, e vai banhando parte do Concelho até entrar na Provincia do Minho, e desembocar no Mar Oceano entre Esposende, e Villa de Conde. O Rio Béça merece o segundo lugar entre os Rios, que banhão o territorio de Barroso, elle tem a sua origem d'entro do Concelho entre as povoações de Pedrario, e Sarraquinhos, e juntando-se-lhe varios Ribeiros atravessa parte do Concelho na direcção de N. a S. até desembocar no Rio Tâmega, junto aos lugares d'Aivoens, e Cunhas no Concelho de Cabeceiras de Basto. O Rio Terra banha todo o Valle deste nome, trazendo a sua origem acima do lugar de Ardãos, termo de Chaves, desembocando tambem no Rio Tâmega com a mesma direcção (*). O Rio da Villa da Ponte, tambem he hum dos que fertilizão parte do

huma de suas Torres n'esta fôrma — R. ALF. 4.^e AN. 1331 —; e em 1580, como se vê da seguinte — Reformou o L.^{do} Manoel. Antunes. de Viana. Año 1580.

(*) Todas as direcções indicadas são pelo Norte da Agulha.

Concelho de Barroso com sua corrente, tem a sua origem acima do lugar de Negroens, e descrevendo hum quasi semicirculo, vai desembocar no Rio Cávado, abaixo da Ponte da Mizarella (*).

§. IV. O Alto Barroso se estende por todos os lugares, e terrenos mais Superiores ao Baixo Barroso, seus lemites podem fixar-se pela parte do Norte nas Serras de Pitoens, onde começa a Serra do Geres, na de Arandella, que corre na direcção de E. para O., e na de Larouco, situada, como já disse, a E. N.; pela parte do Nascente, nas Serras do Pindo, Nogueira, Leiranco, Boticas, e Seixa, pela parte do Sul e Poente no alto da Serra de Toninha, e Nogueiró até o lugar de Paradella e Serra da Ponteira, ficando interpolladas no meio de todas estas as Serras de Barreiros, Avelar, S. Domingos de Morgade, Alturas de Barroso, assim chamadas por ficar no lugar mais elevado. Todo o Alto Barroso, que na direcção de N. a S. tem sete legoas de comprido, e na de Oriente a Occidente trez legoas de largura até quatro, he sujeito a hum frio muito violento, e o Inverno ahi he tão continuado, que as geadas começam no principio d'Outubro, e gradativamente augmentar, e deminuem até o fim de Maio, os regatos se gellão nos trez mezes do Inverno, e no mesmo tempo as neves, chegão a impedir o transito dos habitantes, estando por muitos dias privados de vêr a fasce da tetra (†).

§. V. Se estações tão rigorosas tem suas incommodidades, não deixão tambem de ter suas vantagens, porque a constancia do frio faz o Alto Barroso menos sujeito ás intemperies, que reinão nos paizes calidos, e seus habitantes são fortes e robustos, porque sua saude he mais firme, e menos sujeita ás enfermidades epidemicas.

§. VI. O Baixo Barroso comprehende todas as terras, e Povoações, que estão menos sujeitas ao rigor das estações, como são o Valle chamado de Villar de Perdizes, e povoações inferiores á serra de Larouco, o Valle de Sapiaos, e povoações inferiores ás serras do Pindo, Nogueira, e Leiraneo: todo o Valle por onde passa o Rio Terra inferior á serra das Boticas, o Valle de Covas abaixo da eminencia do Lakanho («) o Valle de Canedo inferior á

(*) Todos estes Rios abundão em famosos peixes, como Escallos, Bogas, algumas Enguias, e sobre tudo em Trutas. Tem apparecido algumas, que excedem o pezo de seis arrateis.

(†) José dos Santos Dias, habil Medico do Partido da Camara de Mont'Alegre, e meu amigo, me tem communicado, que o frio tem chegado a 3. gr. a baixo de O., segundo as suas observações Thermométricas.

(«) No cume d'esta eminencia se acharão duas Estatuas Lapi-

serra de Santa Comba, toda a margem do Rio Tamega, e lugares proximos, e finalmente todas as povoações desde o lugar de Pararella até á Ponte da Mizarella, comprehendendo-se tambem os lugares, que estão nas Faldas da Serra do Gerez.

A R T I G O II.

Sua população, e causas que a diminuem.

§ VII. Segundo as melhores relações, que tenho conseguido pelos livros das Sizas, e declarações, que fizeram os Juizes das Vintenas ao Ministro territorial, contem o Alto, e Baixo Barroso 133 lugares, 3498 fôgos, e 17 581 habitantes d'ambos os sexos, e de todas as idades, número certamente, que não he em proporção com a grandeza do Concelho, e com o que pôde produzir.

§. VIII. Esta falta de população procede de varias causas, e carece de providencias, que evitem a sua decadencia, e augmentem os seus progressos, o que pôde reduzir-se aos principios seguintes.

§. IX. A cultura das terras he para os homens huma manufactura immensa, por consequencia todo o Paiz, que tiver menos terras cultivadas, ha de forçosamente ser menos povoado, porque não se occupando os homens no trabalho, e nas suas terras, emigrão para Concelhos e Provincias diferentes, desamparando as da sua naturalidade.

§. X. Em todo o territorio de Barroso se nota todos os annos desde Setembro até Março a emigração de mais de 400 homens, que vão occupar-se no Alem-Têjo, e mais Provincias do Reino na factura do azeite: pôde segurar-se, que não ha hum só homem de 14 annos para cima, que não tenha viajado, e sahido do Concelho a procurar, em que trabalhe.

§. XI. Igualmente se nota, que muitos pais e chefes de familias, mandão seus filhos e parentes para terras remotas, e d'Ultramar, com a ambição de adquirirem fóra aquillo que na sua Patria poderião achar trabalhando, sendo muitas vezes o producto de suas viagens, e fadigas, mais a ruina, do que o proveito nas suas

deas, que hoje me dizem estão no Real Jardim Botânico de Belém aos lados da porta da entrada para o mesmo, as quaes mandou remetter Miguel Pereira de Barros no tempo em que foi Juiz de Fóra no Concelho. Não ficou disso memoria alguma.

casas, e bens, que ficão sem cultores, e entregues a velhos e mulheres, que não podendo cuidar da cultura atrazão os interesses de suas casas, e familias, arruinão-nas, o que não acconterceria, se seus filhos, e parentes vigiassem de perto no que lhes interessa.

§. XII. Eis-aqui huma das principaes causas, que muito concorrem para diminuir a população de Barroso, e os seus progressos, a que pôde tambem juntar-se a falta de Manufacturas apropriadas á situação do território, e suas produções naturaes, as quaes exporemos mais abaixo.

§. XIII. He do interesse das casas e familias, que os filhos legitimos sigão a condição de seus pais, quanto he compativel: não he seguido porêem este principio, nem adoptado no territorio de Barroso: os pais sempre attentos na vivacidade, ou esperanças de conhecimentos de seus filhos (fallo dos que podem) os que não mandão para fora do Paiz, os destinão logo para Ecclesiasticos, deixando para Lavrador o mais inerte, beneficião aquelle, e se não lembrão d'este, mais do que para os trabalhos ruraes, suas legitimas ficão diminutas, casão pobres, se he que casão, segue-se a indigencia, faltão braços para o trabalho, desertão, e as povoações se diminuem.

§. XIV. Se os pais de familias fossem attentos para a conservação, e augmento de suas casas, empregarião mais filhos na lavoura, far-se-hião maiores Proprietarios, e a Agricultura, e oppulencia crescerião em summo grao em todas as casas e familias(*).

§. XV. Já disse acima, que o territorio de Barroso não era sujeito a molestias epidemicas, assim mesmo vejo e ouço, que todos os annos morrem muitas pessoas d'ambos os sexos e de todas as idades, de molestias, de cuja natureza me não toca decidir, e procurando huma das causas, acho que he a repugnancia, que os rusticos Lavradores tem em consultarem aos Professores de Medicina, querendo antes sujeitar se a remedios domesticos, e arbitrarior, e a decisões de charlatães, que de ordinario os lanção na

(*) Não he da minha intenção o dizer, que não deve haver Sacerdotes para a celebração do Culto, noto sômente os muitos, que havia, e ha ainda em Barroso, pois ha lugares de 30 fôgos, que tem 12 e mais Sacerdotes. A paixão dominante dos habitantes de Barroso, he ordenarem hum filho, ainda que seja unico: nisto consiste o cume da sua felicidade, e são rarissimos os que destinão para aprenderem as Sciencias, e as Artes.

sepultura, desacreditando os Medicos (*), se he que por acaso se tem consultado; ou tornando os malles, que a princípio poderião facilmente curar-se, de difficultoso, e muitas vezes invencivel curativo.

§. XVI. Em todo o territorio de Barroso, e Concelhos visinhos não ha hum Hospital, ou outro estabelecimento Pio onde os enfermos e mendigos possão recolher-se, e curar-se com commo-didade: em todas as povoações de Barroso, se recolhem os enfermos mendigos nos fórnos publicos de cozer o pão; ahí concorrem muitas pessoas; as molestias se communicão; os pobres morrem desamparados; e os habitantes ignorantes dos males, que os atacão, morrem junto aos seus lares, se a natureza os não cura.

§. XVII. Todas estas causas privão a sociedade, annualmente, de muitos membros, que lhe poderião ser uteis, e são tam-bem hum dos motivos, que faz diminuir a população de Barroso (†). Seria para desejar que a Casa da Misericordia da Villa de Mont'alegre, Capital do Concelho, fosse dotada com rendas proporcionadas para edificação e conservação de hum Hospital.

§. XVIII. Estas são as principaes causas, que obstão á propagação da especie humana, não fallo na guerra, na prostituição, nos prejuizos, que tem os pais de familias, a respeito do casamen-to de seus filhos, e finalmente no util estabelecimento de Casas d'Expostos para prevenir os infantecidios, etc. («)

(*) Ha em todo o Conselho de Mont'alegre hum Medico do Partido da Camara residente na Villa, e 14 Cirurgiões por todo o Concelho.

(†) A maior parte das epidemias, que tem apparecido em Barroso, tem sido communicadas pelos pobres pedientes, que se acolhem nos fórnos publicos das povoações, e que ahí se demoram até que morrem sem curativo algum, ou mais socorro do que pão e agoa, que alguem lhes ministra, movido de caridade.

(«) «No anno de 1805 por ordem da Intendencia Geral da Policia da Corte e Reino, se mandou estabelecer em Mont'alegre huma Casa d'Expostos, que não havia, cujas despezas sahem do producto das sizas das compras, e vendas: carece muito de huma re-fôrma em tudo.,,

ARTIGO III.

Caracter dos habitantes.

§. XIX. Os habitantes de Barroso, geralmente fallando, são pouco civilizados, polidos, etc. e ao que naturalmente he obstinado custa muito fazer deixar-lhe seus antigos usos, que seguem machinalmente, a exemplo de seus visinhos, e antepassados. Como são bem constituídos, e nascidos em hum clima aspero, achão seus prazeres em tudo o que pôde agitallos, e pôr seus espiritos em movimento, como he a caça, as viagens, o vinho, etc.

§. XX. Facilmente perdoão as injurias, que se lhes commettem, tem poucos estímulos, porque a natureza os tem dotado de huma imaginação pouco viva; são soffredores de trabalhos, amantes de sua Patria, e tanto, que tendo alguns sido bem favorecidos da fortuna, em terras estranhas, e paizes remotos, vem acabar os seus dias nos lugares onde nascêrão, sem que se lembrem do preterito, cogitando sómente de desfructarem os seus cabedaes, apartados da sociedade, e até muitas vezes esquecidos de seus proprios visinhos.

§. XXI. Bem se conhece pelo que fica exposto, que o Povo de Barroso necessita ser civilizado (*), seus costumes se farão mais doces, serão mais facéis de governar, a industria mãi das bellas Artes, das Sciencias, das Artes Mecanicas, e do Commercio os fará felizes. Hum Povo polido he preferido a hum Povo rustico, Montesquieu, e outros Illustres Escriptores da Europa moderna engenhosamente o tem demonstrado.

ARTIGO IV.

Produções de Barroso, e quanto podem augmentar-se.

§. XXII. As produções do Alto Barroso são centeio, batatas nabos, pastos, e matas: as do Baixo Barroso, além do exposto

(*) Os habitantes de Barroso são tão pouco amantes das Letras, que ha povoações inteiras, onde muito poucos homens sabem ler, e escrever. Em todo o Concelho só ha duas Cadeiras de Irmeyras Letras com Provisão da Real Junta da Directoria Geral dos Estudos d'estes Reinos e seus Dominios, huma na Capital do Concelho, e outra nos Arraballes da Villa, por onde querem estender de legoa a dentro. Ha tambem na Villa de Mont'alegre huma Cadeira de Grammatica, e Lingua Latina, que se acha vaga ha cinco para seis annos, por não haver quem a requeira.

são milho, vinho, legumes, castanhas, algum azeite, e outros fructos, que pessoas curiosas tem começado a semear, como he trigo, sevada, milho-painço, e ha lugares tão abrigados, e amparados, por todos os lados, de serras, que lhes ficão sobranceiras, em que limões e laranjas se crião com perfeição.

§. XXIII. Póde dizer-se, que todo o Barroso he a terra propria para a producção do centeio, e talvez fosse o lugar aonde primero se principiasse a semear em Portugal. Os Lavradores depois de sulcada a terra trez vezes, isto he, huma na Primavera, e duas nos fins do Estío e Outono, depois de lhe lançarem os estrumes (*), que julgão necessarios, semeão o centeio de maneira, que vem a estar na terra nove para dez mezes. No inverno lhe encaminhão agoas, a fim de matarem os animaes, que roem suas raizes, e em alguns lugares, no tempo da Primavera, levemente o tornão a lavar pelo meio dos sulcos, para lhe arrancarem as ervas, isto he, huma especie de sacha a que chamão desregar.

§. XXIV. Os mesmos Lavradores, julgando-se assáz instruidos na cultura, que devem dar ás suas terras, fazem as sementeiras alternativamente, isto he, hum anno sim e outro não; pensão, que com este systema evitão a sua esterilisação, e julgão, que muitos terrenos hoje estereis, e semelhantes aos da Arabia Petréa, nada produzem, por terem sido continuados annos cultivados, e semeados. Tal he o estado d'agricultura em Barroso, e taes são os prejuizos, com que os agricultores são criados, attribuindo a fertilidade da terra, mais ao repouso, do que aos estrumes, com que sem fructo a pertendem engordar (†).

(*) Os Lavradores usão para estrumar as suas terras de mato, que lanção nos córtes de seus gados, e nas ruas das suas povoações, onde se conserva todo o inverno: huns logo na Primavera o lanção nas terras, e outros hum mez ou mais antes das sementeiras, ficando ali depositado em pequenos montes, de maneira que quando chegão a envolvello com a terra, já nada póde aproveitar por estar inteiramente exausto das substancias, que podem reparar a esterilidade. Semelhante uso deveria sei inteiramente bandido.

(†) Não posso escusar-me de trancrever neste lugar, o que diz hum Escripitor Anonymo nas suas reflexões sôbre o estado da agricultura, impresso em Paris no anno de 1780. Diz elle o seguinte: "*Hum dos mais illustres agricultores de nossos dias (Mp. Dhua-mel), julga o anno de repouso das terras indispensavel para aplicar-lhes os trabalhos, que lhes são necessarios, para as dividir, e para fazer perecer as más ervas. Mas nós temos já observado, que ha outros meios mais efficazes, e menos dispendiosos para op-*

§. XXV. Ha Lavradores em Barroso, que não tendo terras suficientes, para semear, cavão montados maninhos, pelo espaço do

perarem perfeitamente esta divisão, e purgarem nossos campos das más ervas de maneira, que se o objecto do anno de repouso se limita sómente a este fim, bem longe de ser necessario, parece totalmente inutil, e até perigoso. Entretanto a opinião dos antigos, he a que parece ainda reinar entre nossos agricultores, cujo maior numero olha ainda o uso da sementeira alternativa, como hum descanso para as terras fatigadas.,

Não se pôde comprehender, como esta opinião se tem estabelecido no tempo antigo entre gentes cercadas de bosques, cuja vista devia convencellos do contrario. Não ha terreno cuja face seja mais coberta de vegetaes, que produza, e nutra maior número de plantas; apezar porém d'esta producção contínua, o terreno he sempre muito fertil. Isto devia mostrar, que não he por meio do repouso que se chega a fecundar a terra, mas fazendo-lhe nutrir o maior numero possível de vegetaes. He de suppôr que os antigos conhecêrão esta verdade, pois que julgavão como nós, que não havia terra mais fertil, que a que por muito tempo, produz grande numero de vegetaes. Apezar d'isto os repousos forão geralmente recebidos, e o peor he que ainda hoje se conserva este uso, e sem fructo se sacrifica a metade ou o terço do producto real, que se poderia tirar da terra, a huma opinião mal fundada, e á vã esperanza de augmentar a colheita no anno seguinte.

Os Chinezes olhão, com razão, o uso do repouso das terras, como hum abuso nocivo á abundancia e á população, que são principalmente os objectos da Agricultura. Hum Lavrador Chinez se riria, se se lhe dissesse que a terra necessita de descanso em certos tempos; diria certamente, que estavamos longe do fim, se elle podesse ler nossos tratados antigos e modernos, nossas especulações maravilhosas sôbre Agricultura. As terras Chinezas, em geral, não são de melhor qualidade, que as nossas, ellas são, como entre nós, boas, mediocres, más, terras fortes, e ligeiras, terras argilosas, e terras, onde a arêa e as pedras dominão. Todas as terras produzem, ainda nas Provincias do Norte, huma e mais vezes no anno; e muitas cinco vezes em dous annos nas Provincias Meridionaes, sem repousarem milhares d'annos.

Temos á vista o exemplo de muitas Provincias, que não deixão descansar as terras, e que não sómente lhe tirão todos os annos, com pouca differença, o mesmo producto, mas que por este meio tem conseguido mudar terrenos estereis em campos agradaveis e fertéis.

Alguns habitantes das charnecas entre Loire, e Garone, se tem entregado á cultura de suas más terras, e semeando-as todos os annos por necessidade, em pouco tempo as tem mudado para me-

anno e em Agosto e Setembro lanção fogo aos torrões, que estão sêccos, e já para isso dispostos: nestes terrenos he onde se colhe o melhor centeio, e podem semear-se até dous, e mais annos continuadamente sem outros estrumes mais do que as cinzas. Seria para desejar, que os Lavradores, fazendo carretos de mato e torrões para as suas terras, lhes lançassem fogo, pois seria hum dos melhores meios de as fazerem fecundas, e de dobrada producção (*).

lhores; e causa admiração a abundancia de centeio, e mais grãos miudos, que produzem annualmente, ainda que o cultivador as não deixe descançar. Aquellas, a que se não podem lançar estrumes, produzem ao menos huma vez cada anno, ou centeio, ou outros grãos. As outras, estrumadas sufficientemente ao tempo das sementeiras do centeio, dão duas colheitas, huma de centeio, outra de trigo de Hespanha, ou de milho painço, e algumas produzem trez vezes no anno, isto he, centeio no mez de Junho, favas no meio de Setembro, e trigo ou milho miudo no fim do mesmo mez, ou principio d'Outubro. Estas terras originariamente estereis e magras, bem longe de acabarem, como era de presumir, por esta cultura immensa, tem mudado totalmente de natureza, e se tem feito ferteis em extremo. Mas hum exemplo, ainda mais tocante que este, nos offerecem os habitantes do Tirol, que por sua industria, por huma cultura bem entendida, chegão a povoar de plantas os rochedos mais escarpados; e ainda que seu terreno pareça, ser ingrato naturalmente, e o clima pouco favoravel á vegetação, se desconhece o repouso entre elles; fazem-se trez ou quatro colheitas de diferentes fructos todos os annos, e isto, longe de esterelisar a terra, a fertilisa. Já ví hum terreno entre Roveredo, e Marco que em outro tempo foi comparado por Dante á estrada do Inferno, e presentemente só deveria ser comparado, ou ao mais delicioso jardim do Universo, ou ao Paraiso Terreal.

A experiencia, e os successos em materia d'Agricultura devem ter mais authoridade, e mais pêso, que todos os Livros que tem apparecido desde Heziodo até hoje. Seria pois importantissimo, renunciar hum systema hypothetico, fundado sôbre palavras, e idéas pouco verosimeis, para seguir hum, cuja utilidade he confirmada pela experiencia de muitas Provincias.

He claro que o repouso das terras he inutil relativamente ao objecto a que nós o temos destinado, elle he evidentemente nocivo ao interesse particular d'Agricultura, e do Estado, porque não só tira huma porção consideravel do fructo, que a terra deveria produzir, mas contribue para a sua decadencia.

(*) "*Transpadanis Cineris usus adeo placet, ut anteponant fimo jumentorum,*, (Plin. Liv, 17.º Cap. 9.º). *Si è provato, che*

§. XXVI. A ceifa dos centeios se faz em Julho, e Agosto; quando as Primaveraes são rigorosas alguns annos, he tolhido pelas geadas o grão que está a formar-se, e então os Lavradores, fazem menor colheita (*). Nada offende porém as hervas dos centeios as neves ou geadas do inverno, antes a experiencia mostra que são uteis (†).

§. XXVII. A colheita das batatas, em todo o Barroso, excede a 100:000 alqueires; o terreno he muito proprio para a sua producção, e cultura, e não ha pessoa que tendo hum palmo de terra, para assim dizer, as não semeie: ha das mesmas várias qualidades, como são brancas de maior producção, vermelhas compridas, e redondas de menor: fazem estas raizes huma grande parte do sustento dos Lavradores, e gados, mas não se tem applicado a fazer pão de mistura com as mesmas, ou reduzillas a farinha. Seria para desejar, que pessoas peritas se mandassem a ensinar algumas pessoas, e d'aquí se tirarião grandes vantagens para a Economia Domestica. Ha Lavradores, que annualmente colhem 700, e 800 alqueires, e estes poderião ser os instruidos primeiramente, como mais interessados, pois por lhes não poderem dar consumo util, deixão apodrecer muitas, desperdiçando outras.

§. XXVIII. Os nabos se agricultão e produzem bem, e no tempo da sua colheita os Lavradores ficão bem pagos do seu trabalho da mesma fôrma se poderião semear, e cultivar plantas semelhantes, como rabãos, etc. mas os Lavradores contentando-se com os fructos, que conhecem, não procurão as sementes, que ha em outros territorios. Huma Ordem Superior, que os obrigasse a fazerem tambem esta sementeira, seria de grande utilidade para seu sustento, em quanto os nabos hião tambem fazer o dos animaes.

d'elle terre incolote le quali non producevano che tignamiche, e ginestre, governate com cenere hanno prodoto bellissimo grano per sei anni continovi. (Ranconi, Dict. d'Agricult.)

(*) Por Lei antiga, que me não he possivel encontrar no Cartorio da Camara, estava determinado, que cada Proprietario de terras nos mezes de Maio, e Junho, antes de nascer o Sol, fizessem correr com huma corda todas as espigas a fim de lançarem fóra das mesmas todo o orvalho nellas introduzido.

(†) Dizem os naturaes de Barroso “Anno de muita neve, anno de muito pão,, “*Alioquin vota arborum frugumque communia sunt, nives diutius sederc. Causa non solum quia animam terrae evanescentem exhalatione includunt et comprimunt, retroque agunt in vires frugum atque radicis... Tellus quoque illo modo fermentescit, et succi plena ac lactescentibus satis non effoeta, cum tempus aperit, tepidis arridet horis etc.,* (Plin. Liv. 17.º Cap. 11.º).

§. XXIX. Tanto o alto, como o baixo Barroso, pelas muitas encostadas que tem, e agoas, que o cruzão por todos os lados, contêm em si muitos lameiros, e lamas públicas, que pelo sustento, que em pastagens e fenos dão aos gados, formão huma parte da riqueza do Concelho. Podião ser a meu ver estes lameiros ainda mais uteis, se os Lavradores os semeassem com sementes de hervas bem nutritivas vindas d'outros paizes; mas elles não o fazem, a terra produz as hervas, e vegetaes, que a natureza faz espontaneamente nascer, e essas mesmas hervas, e vegetaes se reproduzem sem melhoramento; ellas não são da melhor qualidade, e o gado vaccum por isso não he o mais vigoroso, e abundante de leites. Deverião pois todos os proprietarios de lameiros ser obrigados a semear melhores sementes, mandando-se-lhes ministrar pelas Autoridades constituídas, e dando-se-lhes para isso as normas necessarias.

§. XXX. Abunda Barroso em grandes matas de carvalhos e outras arvores, bastante espessas, mas estas pelo seu grande consumo, e incendios, irregularidade nos seus côrtes, e outros motivos semelhantes, em breves tempos diminuirão. Já se nota esta falta no Concelho visinho de Chaves: nesta Praça ha grande consumo de lenhas para os particulares, para as fabricas de louça e telha, para os fôrnos da tropa, Hospitaes Militares, etc., já ahi não ha lenhas, e se vem buscar a Barroso. He para sentir que se não execute tambem nesta Provincia o determinado na providente Lei de 27 de Novembro de 1804 sobre o côrte regular dos bosques, e outras Sabias Providencias do Governo.

§. XXXI. A cultura do milho (*), vinho, e legumes muito se tem augmentado, não assim a do trigo e cevada; a cultura d'aquelle vai-se introduzindo, mas não ha quem a promova, e a d'esta muito pouco, e só algum curioso principia a experimentalla no seu terreno; eu a tenho visto e he bem criada, e tão boa, como a que se colhe em terrenos mais temperados: as sementes do trigo do Norte serião bem próprias para Barroso, e se deverião ministrar aos Lavradores, vigiando sôbre a sua cultura, e obrigando-se a dar conta da sua produção.

§. XXXII. Nas ribeiras do Baixo Barroso ha sitios tão amenos, que em tudo são semelhantes aos do Minho e Beira; a cul-

(*) O augmento da cultura do milho deve-se ao Dr. Francisco Fortunato d'Oliveira de Carvalho, pois que este habil sujeito nos trez annos, que foi Juiz de Fóra, incansavelmente cuidou em fazer extrahir levadas de nascentes d'agoas, e rios, e até para isso concorria com a sua presença e despezas.

tura das oliveiras seria de grande vantagem, e se os Lavradores as tivessem plantado, podião não só colher azeite para si, mas até para o consumo de todos os habitantes do Concelho: por toda a extensão da ribeira chamada de Terva a maior parte das propriedades podião estar cercadas d'oliveiras; mas na extensão de duas, e mais legoas apenas se encontra meia duzia d'ellas. Em todos os lugares, que ficão nas covas proximas á serra do Gerez, podia haver muitas mais do que ha; grande parte de terreno proprio para isso se vê cheio de mato: he de admirar que homens, costumados todos os annos a ir á factura do azeite por todas as terras do Reino, se não tenham estimulado, e não tenham cuidado no que lhes interessa; mas os seus prejuizos, e o viverem segundo os costumes de seus antepassados obstão a tudo isto, assim como tambem o não lhe serem concedidos muitos terrenos com obrigação de fazerem taes plantações.

§. XXXIII. O mesmo se pôde dizer a respeito dos castanheiros; estes por todo o Concelho se podião, e devião plantar; muitos lugares ha, principalmente subindo para o Alto Barroso, que podião produzir excellente castanha, o que ainda acontece em terrenos mais agrestes, e quando não tivessem utilidade no fruto, a tinham na madeira, de que o Concelho não he abundante apezar de ter muitas matas.

§. XXXIV. A cultura d'estas arvores, tão proveitosas pelos dous fins para que se destinão, deveria ser promovida, assim como a sua plantação, com todo o escrupulo e fiscalisação, assim como a dos pinheiros, sobreiros, carvalhos, e vidos; em Barroso se faz particularmente necessaria, e resultarião daqui muitas vantagens, porque o terreno he proprio, principalmente nos lugares mais abrigados; eu tenho visto pinheiros bastante antigos, e bem formados, sem que as injúrias dos tempos os tenham offendido, mas são raros, e os habitantes se não movem a plantallos, nem se servem daquelles exemplos.

§. XXXV. Alguns Povos deste Concelho forão obrigados a cultivar o arroz nos paues dos seus districtos; estes trabalhos porém forão inuteis, porque nem a producção os compensava, nem havia os braços necessarios, que exige a sua cultura: felizmente tem esquecido este projecto, que algumas pessoas quizerão pôr em pratica. Todos os Póvos, sendo obrigados a trabalhos, de que não tirão fructo, se desgostão, murmurão, e até se tornão indispostos, quando se querem empregar em trabalhos uteis, que lhes são desconhecidos.

§. XXXVI. A opulencia he a origem de todas as vantagens,

que fazem hum Povo feliz, e por isso se devem pôr em prática todos os meios para a conseguir, procurando que o mesmo terreno forneça não só o necessario para a vida, mas tambem o sobejo para quem lhe falta. Os habitantes de Barroso podendo colher pão para si, e para remediar as necessidades alhêas, não tem essa fortuna, e muitos se vem na necessidade de o comprar aos Gallegos, que concorrem aos mercados publicos, que se fazem em Monta'alegre semanaria e mensalmente, levando para fóra o numerario, que podia girar no Concelho com grande proveito dos naturaes, e do Estadc.

§. XXXVII. Toda a colheita, e producção do Alto e Baixo Barroso em trigo, milho, e centeio, anda annualmente, segundo as informações mais veridicas, que tenho tomado, por 346:200 alqueires; quantidade, que não chega para o consumo ordinario, pois sendo o número dos habitantes d'ambos os sexos e de todas, as idades 17:581, e dando a cada hum d'elles 25 alqueires annualmente, vem ainda a faltar 93:323 alqueires(*): o que não accoiteceria se fosse concedidos ás pessoas mais necessitadas os muitos terrenos incultos, que ainda ha por quasi todos os termos das povoações(†); certamente por todos elles podia o total da colheita augmentar metade, e então os habitantes poderião exportar 79:775 alqueires.

ARTIGO V.

Commercio, Manufacturas, Gados.

§. XXXVIII. Os habitantes de todo o territorio de Barroso não tirão todo o possivel partido das producções naturaes do seu

(*) As castanhas batatas e legumes poderão supprir esta falta por dous mezes.

(†) Esta partilha de terras deveria ser feita com circumspecção, e segundo a regra geral, que todo o paiz não deve ter em bosques e montados menos que $\frac{1}{5}$, nem mais que hum $\frac{1}{3}$. (Instit. Polit. de M. Baron de Bielfeld. torn. I.º pag. 326. § 44). Aos novos cultores se deveria prohibir a alienação, ao menos por certos tempos, dos terrenos que se lhes concedessem, pois tem mostrado a experiencia em muitas terras, onde semelhantes partilhas se tem feito, que os pobres venderão aos ricos, e podendo ficar remedidados, se reduzirão á maior miseria, não conservande hum palmo de terra, para assim dizer, em que podessem plantar huma couve. Assi accoiteceo na Villa de Mirandella ha poucos annos.

paiz. Todo o seu Commercio he de importação, sómente exportação gados de criação; e tudo o mais, que lhes he necessario, he importado de territorios visinhos, e do Reino de Galliza, o que faz diminuir a circulação interior do numerario adquirido, e torna os habitantes inhabeis para emprehenderem negociação alguma; mas tudo isto, que faz a desigualdade total da balança do commercio entre Barroso e terras de fóra, podia melhorar-se em parte, como vai a expôr-se nos seguintes §§.; e então o commercio d'exportação, quando não fosse igual ao de importação, ao menos evitaria o *deficit* do numerario, quanto fosse possivel, em quanto as circumstancias não permittissem outra cousa.

§. XXXIX. Já disse acima, que pela partilha das terras incultas, e sua nova cultura, podião sobejar a Barroso 79:775 alqueires, que podião exportar, mas longe de o poderem fazer com vantagem, permuttão grande número d'alqueires de centeio por outros tantos de sal, que annualmente trazem ás portas de seus selheiros os Lavradores da Provincia do Minho, visinhos das sallinas, d'onde elle se extrahe: he verdade que, sendo o sal huma cousa da primeira necessidade, se não pôde dispensar; mas os Lavradores de Barroso podião sortir-se d'elle mais commodamente, sem ficarem privados e faltos de centeio, ainda mais necessario.

§. XL. Todos os Lavradores, que não entrão na classe dos pobres, tem sua egoa, juntas de vaccas, carros, etc., e a mesma conducção de sal, que vem á porta de suas casas, feita pelos estranhos, a podião elles mesmos fazer com grande vantagem, pois levando que comer, e comprando o sal na sua origem por 60, e 80 rs. o alqueire, e muitas vezes menos, se recolhião sem gastos de consideração, e sem lhes ser necessario fazer a desvantajosa permutação do seu centeio. Prohibindo-se pois a importação do sal por semelhante modo, os Lavradores o hirião buscar, e continuarião a fazello logo, que conhecessem a vantagem(*).

§. XLI. O pão de trigo fôrma hum ramo de commercio de importação em Barroso: em toda a sua extensão não ha mais do que hum moinho proprio para a moagem d'este grão. Os Lavradores mais oppulentos deverião ser obrigados, feito hum calculo do que se gasta, a construir, e edificarem moinhos para esta moagem, elles receberião utilidade, e os habitantes terião este precioso pão

(*) Todos os annos em Setembro e Outubro se permuttão mais de 6:000 alqueires de centeio por outros tantos de sal: e o mais he que muitos, fazem estas permutações para negociarem no mesmo sal, sendo-lhes depois necessario comprar centeio, para acabarem de passar o anno.

por preços mais commodos, tanto em suas próprias casas, como nos mercados, e praças públicas.

§. XLII. Os gados fazem o ramo mais importante do commercio d'exportação de Barroso: toda a Provincia do Minho prefere os novillos de Barroso aos criados em outro qualquer terreno: igualmente se crião soffríveis machos e mullas, mas sôbre as qualidades e criação d'estes animaes ha muito a providenciar. Muitos Lavradores tem égoas, mas égoas de má qualidade, não procurão pais de boa raça, e a sua prole de ordinario he defeituosa. Se sôbre este objecto se providenciasse, resultarião grandes vantagens para os naturaes, e para o Estado.

§. XLIII. Hum objecto digno de toda a attenção do Govêrno he a manipulação dos queijos e manteigas dos leites das vaccas de Barroso. Os Lavradores não sabem fazer huma, e outra cousa, com a perfeição, consistencia, e duração, com que vemos as manteigas, e queijos, que formão hum ramo de commercio consideravel na Hollanda, na Irlanda, e Holstein: elles fazem huma manteiga, e queijos doces sujeitos a corrupção em poucos tempos, incapazes de transportar-se para partes remotas; inconvenientes, que não acontecerião, se fossem instruidos no modo de se fazerem, mandando-lhes executar as normas que se lhes ministrassẽm com regras seguras, bem reflectidas, bem fundadas na experiencia, e bem convenientes ao clima e terreno: elles fazem a manteiga e queijos, segundo a primeira receita, que alcançarão ou por arbitrio ou por experiencia, e em huma e outra cousa imitão pouco aos queijos da serra da Estrella e Alem-Têjo; e até pôde dizer-se seguramente, que lhes falta muito para terem esse grão de perfeição.

§ XLIV. Perdem pois os naturaes, e a Nação grandes interesses por esta falta, que se não existisse veriamos girar por todo o Reino queijos e manteigas nelle fabricadas, com diminuição em parte do commercio d'estas producções exteriores, e tornando-nos d'este modo mais independentes. Ha gados, ha muitos pastos, e, promovida a criação d'aquelles, e a melhoria d'estes com o trevo de Hollanda, da Hespanha, com a ruta capraria, com a luzerna, e outras muitaservas bem nutritivas, então se conheceria a vantagem.

§. XLV. Não ha animal doméstico, que enriqueça mais a seu dono, do que he o porco. Todo o territorio de Barroso podia criar muitos mais porcos do que presentemente cria; augmentando-se a producção das castanhas, coutando-se matas de carvalhos, que produzissem bolotas, com as muitas batatas, e mais fructos, que formão a mais saudavel nutrição d'estes animaes, Barroso poderia

mandar para fóra, e expôr á venda muitos porcos em pé, e salgados, e escusavão muitos de os irem buscar a Galliza e feiras remotas (*).

§ XLVI. As manufacturas, esta arte de dar fôrma ás producções naturaes, he desconhecida em Barroso, e não ha quem se applique a ella, ainda nas cousas de que poderia haver proveitoso resultado, segundo a localidade, e materias brutas produzidas no Concelho, independentes de grandes dispendios para se manufacturarem.

§ XLVII. Huma fábrica de cortumes faria a Barroso uma grande utilidade; as muitas matas de carvalhos poderião fornecer grande quantidade de casca; o cumagre até aqui desconhecido no territorio podia facilmente produzir e com commodidade cultivar-se, e todos os couros das rezes tanto grossas, como miudas, que continuamente se matão nos córtes publicos, e particularmente, podião formar a occupação dos empregados nesta fábrica, sem que os naturaes se vissem obrigados a comprar curtidos os couros que primeiro venderão ainda verdes.

§ XLVIII. Todo o Barroso pôde criar e cria muitas cabras e bôdes; todos os Lavradores matão muitas para o consumo e sustento de suas famílias, e homens de trabalho; humas pelles se perdem, outras se vendem nos mercados, simplesmente salgadas, a quem de fóra as vem procurar, e tudo isto são perdas para o commercio, que Barroso podia fazer, curtindo-se no Concelho, e compondo-se para os usos a que se destinão: e podendo por estes e outros motivos ser hum Concelho rico, pelo contrário está precario, e dependente de todos os de fóra.

§ XLIX. Para a louça das cosinhas, huma cousa de que tanto necessita Barroso, se não tem procurado meio algum, apenas ha dous lugares, onde se faz alguma telha, sem que avance mais esta fábrica, tão necessaria para a cobertua e abrigo dos edificios. A mesma louça do uso commum he importada, e comprada aos de fóra por altos preços, principalmente em tempos de inverno, em que os caminhos se fazem intransitaveis pelas agoas, e pelos gellos (†). Nesta parte ha huma grande incuria porque ha lugares bastante proprios para isso, e até se pôde fabricar de huma arvore

(*) Das sedas dos porcos tambem se podem fazer escovas, e cordas.

(†) O habil Ministro de quem fallei na nota ao §. 31, cuidou muito em estradas e pontes, mas ainda resta muito.

chamada vido bem semelhante á faia ou alemo branco, nativa em Barroso.

§. L. Todos os annos, nos mezes do estio e outomno, apparecem Artistas Torneiros comprando aos Lavradores os troncos dos vidos, que se tem criado nos seus lameiros e terras; d'estes formão pratos, vasilhas, e mais utensis para o serviço das casas, tornando-os a vender depois de manufacturados, e por fim desapparecem; levando o dinheiro, que com usura tirárão aos particulares. Tudo isto não aconteceria, se se promovesse o plantio d'estas arvores, utilissimas até para forros de casas, para Marcenaria, e outros fins.

Estes são os pontos principaes, em que julguei a proposito tocar para se formar idéa de Barroso; e do melhoramento de que são susceptiveis os interesses d'este Concelho.



0014858



*Biblioteca
Municipal
Montalegre*

Fontes para a História do Barroso

SO
908(4
A
fo